

EDIÇÃO CRÍTICA DE UM SONETO DE ARTHUR DE SALLES: VENEZA

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz
Prof. Assistente do Dep. de Letras e Artes

RESUMO — *Este trabalho é uma tentativa de Edição Crítica do soneto **Veneza**, de Arthur de Salles, poeta baiano pertencente à fase pré-modernista, cujo período de intensa produção literária está compreendido entre 1901 e 1948. O soneto editado apresenta-se em três versões: uma manuscrita e duas impressas. Para o estabelecimento crítico do texto, obedeceu-se, naturalmente, às etapas primordiais da Crítica Textual: **recensio**; **collatio**; **eliminatio**; **stemma codicum**; **emendatio**. Tendo em vista a utilização, por parte do poeta, de um vocabulário rico, esmerado e, sobretudo, erudito, fez-se mister a elaboração de um pequeno glossário, que visa esclarecer o conceito de algumas lexias de maior dificuldade para a leitura do soneto.*

ABSTRACT — *This work is an attempt of Critical Edition of the sonnet **Veneza**, written by Arthur de Salles, a poet from Bahia belonging to the premodern phase, whose period of intensive production is included between 1901 and 1948. The edited sonnet is presented in three versions: one manuscript and two printed. For the critical elaboration of the text, it was taken into account, certainly, the primordial phases of Text Critics: **recensio**; **collatio**; **eliminatio**; **stemma codicum**; **emendatio**. Because of the use, by the poet, of a rich, careful and, above all, erudict vocabulary, it was necessary to elaborate a small glossary, in order to make clear the concept of some words that can bring a great difficulty for the reading of the sonnet.*

1 INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tive com a obra de Arthur de Salles foi em 1991. Desde então, o interesse pela produção literária do poeta foi crescente. A partir de 1992, escolhi como tema de dissertação de Mestrado os *Sonetos*.

Arthur de Salles não compilou toda a sua obra em livros, deixando, ao morrer em 1952, uma vasta produção dispersa. Essa obra dispersa, que vem sendo editada criticamente pelo Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA, sob a coordenação do Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama, desde 1977, compreende textos éditos e inéditos, dentre eles os *Sonetos*.

Arthur de Salles deixou 73 sonetos, desses, 47 são dispersos, editados criticamente na dissertação de Mestrado. Para este trabalho escolhi apenas um, *Veneza*, pois não seria possível apresentar aqui a edição dos quarenta e sete sonetos. Porém, para dar prosseguimento a este trabalho, faz-se necessário esclarecer o que vem a ser Edição Crítica, assim como dar algumas informações a respeito do próprio poeta, Arthur de Salles. Sendo assim, apresenta-se em seguida um breve histórico da Crítica Textual e uma pequena biografia do poeta baiano.

1.1 A CRÍTICA TEXTUAL

A Crítica Textual ou Ecdótica ou Edição Crítica de Textos é um dos ramos mais antigos, mais nobres e mais autênticos da Filologia.¹ Ocupa-se da reconstrução de textos, objetivando restabelecê-los de acordo com a última vontade do autor.

A Crítica Textual tem suas origens mais remotas na Grécia do período alexandrino (322-146 a.C.). Nasceu, segundo Antonio Tovar, “como um segundo grau de um ensino primário cujas *primeiras letras* estavam baseadas em uma poesia nacional, principalmente em Homero.”²

A tradição européia registra como as mais antigas edições críticas aquelas feitas pelos críticos alexandrinos: *Zenódoto*, *Aristófanos de Bizâncio* e *Aristarco* sobre os poemas homéricos. O trabalho desses primeiros críticos textuais estava voltado para a restauração, inteligência e explicação dos textos. Eles catalogavam as obras, reviam-nas, emendavam-nas, comentavam-nas, proviam-nas de sumários e de apostilas ou anotações, de índices e de glosários, de tábuas explicativas, além de complementá-las com excursões biográficas, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética.³

Em Roma, os estudos filológicos estiveram reduzidos aos trabalhos de *Varrão* sobre a obra *De lingua latina* e, posteriormente, na época imperial - exatamente a de Nero, aos de *Probo* sobre autores, como, Horácio e Lucrécio.

Durante a Idade Média, a edição de textos se fez com critérios pouco rigorosos, pois os críticos daquele período não dispunham de meios que permitissem chamar seus trabalhos de verdadeiras edições críticas.⁴ As edições daquela época estavam voltadas para a literatura evangélica.

A Idade Moderna, precisamente a Renascença, nos séculos XV e XVI, legou ao mundo o início do progresso da Crítica Textual. Tem-se, nesse momento, o interesse crescente pela Antigüidade greco-latina, principalmente pelos textos dos seus grandes autores. Contudo, esses textos eram adaptações secundárias. Era preciso recuperar a autenticidade deles; daí nasceu a

busca constante pelos manuscritos que as guerras, as catástrofes, a negligência e o olvido fizeram desaparecer. Sobreviveu pouca coisa: apenas fragmentos de algumas obras célebres e poucos livros, cujas cópias eram também fragmentárias. A tarefa dos editores do referido período é muito mais árdua: era necessário, antes de mais nada, encontrar os manuscritos que ainda existissem para depois compará-los e tentar apresentar os textos que representassem a redação autêntica do autor.⁵

Porém, a Crítica Textual moderna só é iniciada no século XIX com a publicação das edições críticas feitas por Karl Lachmann (1793-1851) do *Novo Testamento* em grego (1842-1850) e do poema *De rerum natura*, de Lucrecio (1850). Lachmann dá à Crítica Textual caráter científico, adotando um método, que leva o seu nome, baseado numa síntese dos processos utilizados pelos editores alexandrinos.⁶ É também o responsável pela terminologia latina, pois escreveu suas introduções críticas em latim.

O método lachmanniano consiste em: *recensio*, levantamento de toda a tradição manuscrita e impressa existente da obra; eliminação das cópias coincidentes; agrupamento do material em famílias para a posterior elaboração da árvore genealógica; reconstituição do arquétipo, isto é, do códice a que remontam todos os manuscritos de uma determinada obra; *emendatio*, correção do texto arquétipo para remontar o original; e *originem detegere*, a finalização do processo, cujo objetivo é tentar reconstruir a história e a fortuna do texto através de considerações diplomáticas e testemunhos externos, objetivando a produção do texto o mais próximo possível do original, ou seja, *constitutio textus*.⁷

Entretanto, o método lachmanniano, de modelo mecanicista e fruto do positivismo científico, sofreu várias críticas, sendo a principal delas a que partiu do francês Joseph Bédier.

No início do século XX, em 1913, Bédier editou o *Lai de l'Ombre* de Jean Renart, em que fez as primeiras restrições ao método de Lachmann. Ele criticava o estabelecimento do arquétipo, em contrapartida propunha a procura do texto real, do melhor manuscrito, o *codex optimus*.

O método de Bédier, no entanto, não estava tão dissociado do método lachmanniano, pois conservava traços indeléveis, como, o historicismo e o fetichismo do códice matricial.⁸

A Edição Crítica, tanto em Lachmann como em Bédier, é considerada como operação fundamental para o perfeito entendimento de um texto, segundo critérios que o aproximem da última vontade consciente do autor.⁹

A edição de textos, obviamente, necessita de ciências que a auxiliem, a saber: a *Paleografia*, para habilitar o editor na decifração dos caracteres e

nas abreviações em uso nas diferentes épocas; a *Diplomática*, na determinação do grau de autenticidade de um dado texto; e a *Codicologia*, no conhecimento do material empregado na produção do manuscrito.

Em 1968, inicia-se na França uma outra direção da moderna Crítica Textual, a Crítica Genética, cujo interesse está voltado para o processo criativo do autor, para a análise do documento autógrafo, do documento vindo diretamente do escritor antes de sua publicação. Seu objetivo é compreender, no próprio movimento da escritura, os mecanismos da produção, visando elucidar os caminhos seguidos pelo autor para entender o processo que presidiu o nascimento da obra.¹⁰

Segundo Roberto Brandão, a finalidade predominante da Crítica Genética, diferentemente da Edição Crítica, que procura estabelecer o texto definitivo, é entender e estabelecer a dinâmica das alterações, suas razões, o processo criativo como um todo e não apenas seu último momento. Os esboços, os fragmentos, as primeiras redações, todo esse material produzido pelo escritor antes da última edição constituirá o *prototexto*.¹¹

A Crítica Textual progrediu bastante desde os seus primórdios. No século XX, com o progresso tecnológico que se instalou pouco a pouco, os estudiosos conseguiram uma exploração mais ampla da tradição literária com menor esforço, pois houve uma maior liberalidade das bibliotecas públicas e privadas na concessão de fotocópias e de microfilmes; muitas publicações de catálogos e de fac-símiles; doação de acervos, por parte dos familiares ou do próprio autor, de textos originais.

1.2 O AUTOR E SUA OBRA

Arthur Gonçalves de Salles nasceu a 7 de março de 1879, no “Cais Dourado”,¹² freguesia de Nossa Senhora do Pilar, em Salvador-Ba, vindo a falecer, nessa cidade, a 27 de junho de 1952.¹³ Filho de Severiano Gonçalves de Salles e de D. Eufrosina Maria de Aragão Salles.

Desde cedo, já aos treze anos, quando estudava no Colégio Carneiro Ribeiro (Salvador- Ba), começou a escrever seus primeiros versos. Pessoa sensível, voltada para a contemplação da natureza, Arthur de Salles deixará refletir em sua poesia a forte ligação que manteve com o mar: o mar da Baía de Todos os Santos, de sua infância, vivida na cidade baixa onde nasceu, e depois o mar da Vila de São Francisco, no recôncavo baiano, local onde residiu durante alguns anos.

Em 1901, precisamente em maio, Arthur de Salles e outros jovens escritores baianos fundam a agremiação literária Nova Cruzada, que estende

suas atividades até 1914. A divulgação dos trabalhos da agremiação era feita através da revista que levava o mesmo nome, sendo que essa circulou entre maio de 1901 e setembro de 1910.¹⁴ O objetivo da agremiação Nova Cruzada era tirar a Bahia da apatia, restaurando-lhe o “status” dos seus dias de glória. Para isso, participa de todo e qualquer tipo de evento realizado na cidade. Arthur de Salles, como um de seus membros mais ativos, a presidiu durante os anos de 1913 e 1914.

Em 1905, Arthur de Salles é diplomado professor primário ou, como se dizia na época, aluno-mestre pela Escola Normal da Bahia. E, como professor, receberá os seus proventos até o final da vida.¹⁵

Arthur de Salles sempre esteve presente na vida literária da Bahia. Colaborou em diversos jornais e revistas literárias, como: *Gazeta do Povo*, *O Imparcial*, *Diário da Bahia*, *Nova Revista*, *Nova Cruzada*, *Os Annaes*, *Arco e Flexa*, *Renascença*, *A Luva*, *Bahia Ilustrada*, dentre outros; além de ter sido também um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia.¹⁶

Apesar de toda essa intensa vida literária, Arthur de Salles era avesso às promoções, não cultivou a própria glória. Sua produção poética, compreendida entre 1901 a 1915, só foi publicada em livro, graças a seus amigos das tertúlias literárias do Instituto Nina Rodrigues. Essa produção encontra-se reunida no livro intitulado *Poesias*,¹⁷ publicado em 1920.

Em 1928, Arthur de Salles publica o poema dramático *Sangue-mau*,¹⁸ que será reeditado em 1948, juntamente com *O ramo da fogueira*, em *Poemas regionais*.¹⁹

Em 1949, após a morte de seu grande amigo e poeta Durval de Moraes, Arthur de Salles é eleito *Príncipe dos Poetas Baianos*.

A produção literária de Arthur de Salles, ao longo do tempo, mostra uma clara evolução: sua poesia, a princípio de cunho simbolista, passa a ter um cunho parnasiano, aproximando-se de um misto de parnasianismo e naturalismo. Segundo Lafaiete Spínola, o poeta aliou o melhor simbolismo ao melhor parnasianismo.²⁰

Sentimentos diversos permeiam a sua poesia: a religiosidade e o culto à natureza são bons exemplos. Lafaiete Spínola diz que “o sentimento religioso, que se desprende, vago e profundo, de seus versos, é um prolongamento do culto à natureza, que é nele uma religião”.²¹ Para Cláudio Veiga, o sentimento religioso presente em sua poesia é a velha religião dos colonizadores, o catolicismo. As festas religiosas populares, como, o Natal e o São João, são presenças marcantes em sua poesia, cujo poema *O ramo da fogueira* é um dos representantes. Além disso, Arthur de Salles escreveu versos à Virgem, bem como hinos religiosos: *Hino ao Senhor do Bonfim*, conhecido popular-

mente na voz de Caetano Veloso, e *Hino a Nossa Senhora da Conceição da Praia*. Outro motivo arrolado para a religiosidade do poeta é o fato de ter residido durante muitos anos no Convento de Nossa Senhora das Brotas, em São Bento das Lajes, na atual cidade de São Francisco do Conde-Ba, e ter ocupado a mesma cela que o poeta ultra-romântico, Junqueira Freire.²²

A paixão pelo mar, segundo assinala Eugênio Gomes, inspirou o poeta a escrever alguns dos mais belos poemas marítimos da literatura brasileira.²³ O mar, que batia na soleira da sua casa de infância, está presente em muitos dos seus poemas, seja como cenário de morte, seja como cenário de uma radiosa visão. Não só o mar, puro e simples, figura em seus versos, como os elementos que fazem parte dele ou que desfilam por ele: peixes, moluscos, conchas e embarcações.

É inegável o valor da obra de Arthur de Salles. Sua poesia é um dos acontecimentos da literatura brasileira. Eis o que diz Lafaiete Spínola:

Arthur de Salles faz versos como quem tem medo. Sente o infinito dos mistérios da natureza, compreende o pavor do desconhecido, alcança a imensidade do sofrimento humano, e estarrece diante de sombras que lhe parecem hostis. Vultos e fantasmas são-lhe os companheiros eternos, a segredar-lhe tragédias incruentas.²⁴

Raul Sá, que partilhou, já quase no final de vida do poeta, de sua amizade, expressa uma profunda admiração por Arthur de Salles ao escrever:

És vivo, Artur de Sales, e continuarás redivivo em tua Bahia, que compreende, ama e vive a tua Poesia!²⁵

Arthur de Salles, nome marcante da literatura baiana da fase parnasiano-simbolista, citado em algumas antologias da literatura brasileira, ainda permanece como um autor desconhecido do grande público. Todavia, sua produção literária é vastíssima e riquíssima: contos, crônicas, discursos, cartas, poemas regionais, poemas dramáticos, sonetos, poemas diversos e traduções integram seu acervo, que vem sendo editado criticamente, desde 1977, pelo Grupo de Edição Crítica de Textos do IL/UFBA²⁶, com o intuito de oferecer ao leitor, cada vez mais, textos que correspondam à última vontade do autor. Esse desejo é corroborado pelo próprio empenho de Arthur de Salles de que as suas publicações não apresentassem erros, ou seja, de que fossem *ipsis litteris* ao original entregue por ele.

2 O SONETO VENEZA

O soneto *Veneza* é um soneto disperso, ou seja, não foi publicado em livro, apenas em jornal e em uma revista literária. Ele apresenta-se em três versões: uma manuscrita autógrafa, uma publicada no jornal, cuja cópia que se tem até ao presente momento não traz nenhuma indicação de data nem do jornal que a publicou, e por fim, a terceira versão que está publicada na Revista das Academias de Letras do Brasil, de 1946.

Em relação à estrutura formal, o soneto *Veneza* apresenta-se da seguinte forma: versos dodecassílabos, com o esquema de rima ABBA/BAAB/CCD/EED.

3 CRITÉRIOS GERAIS PARA A EDIÇÃO DO SONETO VENEZA

Para o estabelecimento crítico do soneto *Veneza* foram seguidas as etapas preliminares de uma edição crítica: *recensio*, levantamento do número de versões; *collatio*, análise comparativa de todas as versões; *eliminatio*, eliminação das versões não autorizadas à reconstituição do texto crítico; *stemma codicum*, classificação em diagrama da relação e filiação existentes entre as versões e *emendatio*, interferência do editor quanto aos prováveis erros.

Durante a realização dessas etapas, foram estabelecidos alguns critérios que permearam a edição do soneto, a saber:

a) Identificação das versões: as impressas, quando apresentam, foram identificadas através da abreviatura da revista, do jornal ou do livro que as publica; quando não apresentam informações, quanto à publicação, são identificadas como recorte sem indicação, R/I; as manuscritas e datiloscritas foram identificadas pelo número de tombo no Acervo do Setor de Filologia Românica da UFBA. Essa identificação consta na descrição da versão ou das versões; da classificação estemática, ou seja, do estema; e do aparato crítico;

b) Eliminação das versões não autorizadas: foram expurgadas as versões *post-mortem*, i.e., as póstumas, com exceção das publicadas na Obra Poética,²⁷ considerada a *Vulgata*, por apresentar uma grande parte da produção do poeta e por ser a conhecida do grande público. Contudo, as versões identificadas como R/I foram consideradas, pois possuem caracteres ortográficos utilizados até 1943;²⁸

c) Escolha do texto de base: para os textos com mais de uma versão, o critério incontestável para a determinação do texto de base é a versão mais recente saída das mãos do autor ou por ele autorizada;²⁹

d) Escolha da variante: nos casos em que Arthur de Salles riscou uma lição e escreveu outra na entrelinha ou à margem, substituindo-a, essa será a variante a ser adotada. Quando o poeta escreveu várias alternativas para uma mesma lição, riscando umas e não outras, a última alternativa será a variante adotada;

e) Apresentação das variantes: as variantes foram dispostas no aparato crítico em *itálico* e em **negrito**, em tipo menor em relação ao texto. Elas, em alguns casos, são seguidas ou precedidas pela invariante, sendo que essa vem em estilo normal, sem *itálico* e sem **negrito**;

f) Grafia do nome do poeta: foi mantida a grafia da época do autor: Arthur de Salles;

g) Nomes estrangeiros: foi conservada a grafia estrangeira utilizada pelo autor em *itálico*, exceção apenas para os nomes próprios.

3.1 CRITÉRIOS PARA A EDIÇÃO CRÍTICA DA OBRA DISPERSA DE ARTHUR DE SALLES

O Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA, intencionando sempre oferecer textos que estejam o mais próximo possível do desejado por Arthur de Salles, que buscava, sempiternamente, a perfeição dos seus textos, estabeleceu normas que regulamentam a edição crítica de todos os textos literários, *éditos* e *inéditos*. Entretanto, para o uso dessas normas devem-se considerar as particularidades de cada texto.

Tendo por base a última versão do poema *Sub umbra*, escrita em 1947, que traz exemplos da modernização da grafia do autor, que os manuscritos anteriores mostram se tratar de uma grafia pseudo-etimologizante,³⁰ o Grupo adotou as seguintes normas para a edição crítica da obra dispersa de Arthur de Salles:³¹

- 1- Ser fiel ao texto de base.
- 2- Proceder à atualização ortográfica:
 - conservando a grafia do ditongo **ou**, exceto nos casos de rima;
 - mantendo a grafia de **éa** (para o ditongo tônico aberto) e **eia** (para o ditongo tônico fechado);
 - respeitando a variação **hiato** ~ **ditongo**, no encontro vocálico **ui**;
 - mantendo a grafia do grupo consonântico **ct**, apenas nos casos de rima;

- mantendo a grafia de Arthur de Salles nas lexias não dicionarizadas;
 - conservando os estrangeirismos como aparecem em Arthur de Salles;
 - empregando letra maiúscula na grafia do nome dos meses.
- 3- Proceder ao desdobramento das abreviaturas, assinalando-as no texto com letras em *itálico*.
 - 4- Indicar as interferências no texto com o auxílio de colchetes [].
 - 5- Reconstituir a pontuação, conservando, de acordo com o texto de base, as linhas de pontos.
 - 6- Restaurar as passagens onde se registram erros óbvios.
 - 7- Respeitar o seccionamento do texto de base, numerando os parágrafos, as estrofes, os grupos de versos, os grupos de meio-versos e todas as indicações cênicas.

4 EDIÇÃO CRÍTICA DO SONETO VENEZA

4.1 DESCRIÇÃO DAS VERSÕES

Dispõe-se de três versões: uma manuscrita autógrafa, 0391; uma pré-textual não identificada, R/I; e outra pré-textual, identificada, RALB.

4.1.1 Versão 0391

SALLES, Arthur de. *Veneza*. Manuscrito autógrafo. ASFR, 070:0391. 16 maio 1924.

Manuscrito autógrafo anexo a uma carta enviada a Durval de Moraes, datada de: *Brotas-16-Maio de 1924*. Papel pautado medindo 232mm X 195mm. Mancha escrita medindo 140mm X 174mm. Mancha de tinta entre a primeira e a segunda estrofes, e entre a terceira e a quarta estrofes. 16 linhas: L.1, **Veneza**; L.2-15, versos; L.16, **Arthur de Salles**. Manchas de tinta: V.1, *desfeito*; V.4, *aspeito*; V.9, *mussulmano*; V.11, *fragas*; V.12, *b de lbero*; V.14, *vagas*, *g* reescrito.

4.1.2 Versão R/I

SALLES, Arthur de. *Veneza*. [Recorte sem indicação].

Recorte de jornal sem indicação. Publicado juntamente com o soneto *O Homem e o Mar*. 15 linhas: L.1, **VENEZA**; L.2-15, versos.

4.1.3 Versão RALB

SALLES, Arthur de. Veneza. *Revista das Academias de Letras*, Rio de Janeiro: ano 10, n. 61, p.179, 1º sem.1946.

17 linhas: L.1, **VENEZA**; L.2, **ARTHUR DE SALES**; L.3, **DA ACADEMIA BAHIANA DE LETRAS**; L.3-17, versos.

4.1.1.1 Classificação estemática

As versões 0391 e RALB são dependentes. RALB é uma reprodução do manuscrito enviado por Arthur de Salles a Durval de Moraes, na carta datada de 16 de maio de 1924, com a devida modernização da grafia, respeitando o acordo ortográfico de 1943. A versão R/I apresenta diferenças em relação às outras duas: no verso 3, traz *grito* em lugar de *canto*; no verso 4, traz *bronzeeo* aspeito em lugar de *torvo* aspeito; no verso 5, traz *chammejar* em lugar de *coruscar*; no verso 12, em lugar de *áureos* ciúmes traz *feros* ciúmes; no verso 13, em lugar de *raros* perfumes traz *ouros* e perfumes; e no verso 14, traz Desdemona das *aguas* em lugar de Desdêmona das *vagas* (Vide aparato crítico em 3.1.22.4). Está evidente que R/I é uma versão independente. Desse modo, estabeleceu-se o seguinte estema:

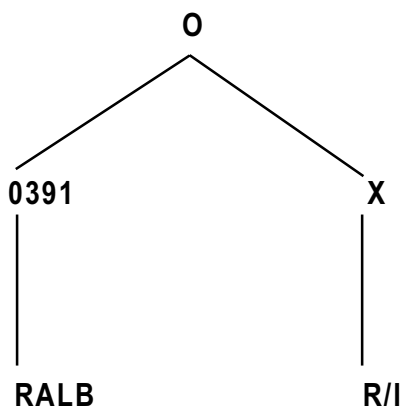


Fig. 1- Estema das versões de Veneza

4.1.1.2 Escolha do texto de base

É provável que o poeta tenha feito modificações em seu texto durante o período que se estende entre o envio do manuscrito e a sua publicação em 1946. Porém, não se tem notícias, até a presente data, de quando foi a publicação da versão R/I e nem onde foi publicada. Sabe-se que foi em um jornal e que, provavelmente, pelos caracteres ortográficos utilizados, foi antes de 1943, apenas isso. Como não se dispõe de informações precisas e, tampouco, tem-se o manuscrito intermediário, respeitaram-se os critérios estabelecidos em 3, letra c, e tomou-se como texto de base a versão RALB. Sendo assim, propõe-se o seguinte estema para a edição crítica:

O ® RALB ® edição crítica

Fig. 2- Estema ilustrativo da edição crítica de *Veneza*

Veneza

Colar-se no mar que, num temporal, desfoi,
 Sussurrar, lida, prater, tua vola a vida.
 Trazes de repente o horror. E em vulto de gómea
 Tote entes canas as leas de outro aspecto.

Obrista, a começar de novo a de padaria,
 Faço-te o' fronteão mas num de madeira preta
 É o mar, o oceano, a negrura, o negro céu
 Eia que estenta a dor do teu último ar.

Christa, que abito o deus a paixão muralmar,
 E lora contra o destino, este maelito oceano
 Que o scripto secular te upalaga nas fraças.

E o Ihera, teu Ottilo, aduma de aunos ciúmes,
 Affoga-te no leito entre raios perfumes,
 E loba é immortal Dondomina das raças.

O. L. P. S. S. S.

Manuscrito autógrafo do soneto *Veneza*, datado de 16 de maio de 1924

4.1.1.3 Texto crítico

VENEZA

Rolam no mar azul, num temporal desfeito,
 Teus barcos, teu poder, tua soberania.
 Tremes de espanto e horror. E um canto de agonia
 Sobe dos teus canais ao leão de torvo aspeito.

- 5 O Oriente, a coruscar de ouro e de pedraria,
 Fulge-te à frente e às mãos num derradeiro preto,
 E o nardo, o incenso, a mirra ungem-te o régio leito
 Em que estendes a dor do teu último dia.

- 10 Cristã, que abriste o seio ao pagão muçulmano,
 Clamas contra o destino, este maldito oceano
 Que o ceptro secular te espedaça nas fragas.

E o Ibero, o teu Otelo, ardendo de áureos ciúmes,
 Afoga-te no leito entre raros perfumes,
 Ó soberba e imortal Desdêmona das vagas!

- V.2 R/I **soberania**, [com vírgula]
 V.3 R/I E um **grito** de agonia
 V.4 RALB **Sóbe** ; 0391,R/I **canaes** ; R/I ao leão de **bronzeeo**
 aspeito
 V.5 R/I O **Oriente** [sem vírgula] a **chammejar** de ouro e **pedraria**
 [sem vírgula]
 V.6 R/I **á** frente e **ás** mãos; 391 **maos** ; R/I **preito** [sem vírgula]
 V.7 R/I **myrrha**, [vírgula]; 0391 **myrrha** [AS risca vírgula] ; 0391,R/
 I **regio**
 V.8 R/I **dôr** ; 0391,R/I **ultimo**
 V.9 0391 **Christan**; R/I **Christan** [sem vírgula] ; 0391 **mussulmano**;
 R/I **mussulmano** [sem vírgula]
 V.11 0391,R/I **sceptro** ; R/I **fragas** [sem pontuação]
 V.12 R/I **Ibéro**; 0391,R/I **Othelo**; R/I ardendo **em feros** ciúmes;
 0391**aureos ciúmes**; RALB **ciúmes**
 V.13 0391 **Affoga-te** ; R/I entre **ouros e** perfumes
 V.14 0391 **immortal Desdemona** [ponto]; R/I **immortal Desdemona**
das aguas. [ponto]

5 GLOSSÁRIO

Este pequeno glossário não tem como pretensão ser um guia semântico rigoroso e completo. Objetiva-se, com ele, esclarecer o sentido das lexias elencadas que apresentaram maior dificuldade, facilitando, dessa forma, a compreensão do soneto.

As lexias levantadas estão dispostas em ordem alfabética, em seu estado primitivo, ou seja, não flexionadas. Nesses casos, a sua apresentação se dá em colchetes. Quando a forma primitiva consta do texto de base utilizado para a fixação do texto crítico, o uso dos colchetes foi dispensado. Seguem-se às lexias:

1) *a classificação gramatical correspondente*, em sua forma abreviada usual: adjetivo=adj.; locução=loc.; substantivo feminino=s. f.; substantivo masculino=s.m.; verbo=v., seguido de sua regência, t.=transitivo, d=direto, i.=indireto, int.=intransitivo, p=pronominal;

2) *a acepção*;

3) *o verso ou versos em que se encontra a lexia em tela*, acompanhada da indicação, entre parênteses, do verso em que se acha.

ASPEITO - s. m. Aspecto, aparência. “Tremes de espanto e horror. E um canto de agonia / Sobe dos teus canais ao leão de torvo **aspeito**.” (V.4)

ÁUREO - adj. De grande esplendor. “E o Ibero, o teu Otelo, ardendo de **áureos** ciúmes, / Afoga-te no leito entre raros perfumes,” (V.12)

CEPTRO - s. m. Bastão de apoio usado outrora pelos reis e generais. “Clamas contra o destino, este maldito oceano / Que o **ceptro** secular te espedaçara nas fragas.” (V.11)

DESDÊMOMA - s. f. Lit. Figura principal da tragédia de W. Shakespeare, *Otelo*. Desdêmona é uma figura delicadíssima, modelo da mulher modesta, terna e submissa, protótipo literário da esposa virtuosa, vítima de intriga perversa e do ciúme desvairado. Esposa de Otelo, é vítima da infâmia de Iago que, despertando o ciúme no peito do negro veneziano, leva este a matá-la no leito, com requintes de ferocidade. “E o Ibero, o teu Otelo, ardendo de áureos ciúmes, / Afoga-te no leito entre raros perfumes, / Ó soberba e imortal **Desdêmona** das vagas.” (V.14)

[FRAGA] - s. f. Rocha escarpada; penhasco. “Clamas contra o destino, este maldito oceano / Que o ceptro secular te espedaça nas **fragas**.” (V.11)

IBERO - adj. Antigo habitante da Ibéria; ibérico. “E o **Ibero**, o teu Otelo, ardendo de áureos ciúmes, / Afoga-te no leito de raros perfumes,” (V.12)

MIRRA - s. f. Designação comum a duas árvores, originárias da África, cuja resina dimana por incisão e se usa como incenso e em perfumes, unguento. “E o nardo, o incenso, a **mirra** ungem-te o régio leito / Em que estendes a dor do teu último dia.” (V.7)

MUÇULMANO - adj. Que é sectário da religião de Maomé. “Cristã, que abriste o seio ao pagão **muçulmano**,” (V.9)

NARDO - s. m. Planta herbácea originária da Ásia, cujo rizoma, aromático, foi muito empregado pelos antigos em perfumaria. “E o **nardo**, o incenso, a mirra ungem-te o régio leito / Em que estendes a dor do teu último dia.” (V.7)

OTELO - s. m. Título e nome da principal personagem de uma tragédia de Shakespeare. É uma de suas peças mais bem compostas, em cinco atos e em verso, escrita talvez em 1604. Otelo é um audaz soldado mouro ao serviço de Veneza. Os relatos que faz da sua vida inspiram a uma jovem e formosa patriciã, Desdêmona, uma paixão profunda, e, apesar da relutância do pai, a donzela casa com Otelo. Dois dos oficiais seus subordinados gozam da confiança do mouro: um, Iago, homem dissimulado, que tem ciúme de Otelo e que busca a sua perda; outro, Cássio, honrado e leal. Iago, repellido por Desdêmona, é intensamente impelido pelo ódio e pelo anseio de vingança. Propõe-se inspirar ciúmes a Otelo, e consegue-o: o acaso favorece-o, e ele faz crer ao seu chefe que Cássio é amante de Desdêmona. Otelo, dominado por um ciúme brutal, asfixia a esposa no leito. “E o Ibero, o teu **Otelo**, ardendo de áureos ciúmes, / Afoga-te no leito entre raros perfumes, / Ó soberba e imortal Desdêmona das vagas.” (V.12)

PREITO - s. m. Sujeição, dependência. “O Oriente, a coruscar de ouro e pedraria, / Fulge-te à frente e às mãos num derradeiro **preito**” (V.6)

RÉGIO - adj. Próprio do rei; real. “E o nardo, o incenso, a mirra ungem-te o **régio** leito” (V.7)

[**TORVO**] - adj. Pavoroso, sinistro. “Sobe dos teus canais ao leão de **torvo** aspecto.” (V.4).

[**UNGIR**] - v. t. d. Aplicar óleos consagrados a; dar unção a; sagrar. “E o nardo, o incenso, a mirra **ungem-te** o régio leito” (V.7)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A edição crítica apresentada neste trabalho não é definitiva, trata-se apenas de uma tentativa de edição crítica do soneto **Veneza** de Arthur de Salles. Por que uma tentativa? Porque não há edições críticas definitivas, pois toda edição crítica é uma obra aberta, sujeita a alterações. Segundo Spina,

“qualquer edição crítica representa, sempre, uma tentativa de restauração de um texto, provisoriamente definitiva enquanto não surjam outras, naturalmente baseadas em novos achados ou em diferentes perspectivas metodológicas, que possam lançar novas luzes sobre o original.”³² Sendo assim, esta edição poderá sofrer alterações caso sejam encontradas novas versões, principalmente se essas contiverem interferências do autor e, sobretudo, se essas alterações estiverem compreendidas no período entre a escritura da 1ª versão, ou seja, a manuscrita, e a que foi publicada em 1946.

NOTAS

- ¹ Cf. Erich AUERBACH. *Introdução aos estudos literários*. 2 ed. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972. p.11.
- ² Cf. Antonio TOVAR. *Lingüística y filología clásica: su situación actual*. Madrid: Revista de Occidente, 1944. p.15.
- ³ Cf. Segismundo SPINA. *Introdução à edótica: Crítica textual*. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/EDUSP, 1994. p.6-68.
- ⁴ Cf. Antônio HOUAISS. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1967. p.206.
- ⁵ Cf. op. cit. à nota 1, p.12-13.
- ⁶ Cf. Silvio ELIA. A crítica textual em seu contexto sócio-histórico. In: CONGRESSO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA, 3, 15-18 out. 1991. *Anais...* João Pessoa: UFPB/APML/FECP/FCJA, 1993. p.57.
- ⁷ Cf. op. cit à nota 3, p.74.
- ⁸ Cf. op. cit. à nota 6, p.59.
- ⁹ Cf. Leodegário A. de AZEVEDO FILHO. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 21.
- ¹⁰ Cf. Cecília Almeida SALLES. Crítica genética, uma introdução: fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários. São Paulo: EDUC, 1992. p.18-19
- ¹¹ Cf. Roberto BRANDÃO. Uma palavra sobre o objeto do encontro. In: ENCONTRO DE CRÍTICA TEXTUAL: O MANUSCRITO MODERNO E AS EDIÇÕES, 1, 1985. *Anais...* São Paulo, FFCHL/USP, 1986. p.14.
- ¹² Cf. Cecília de LARA. *Nova Cruzada: contribuição para o estudo do pré-modernismo*. São Paulo: IEB, 1971. p.64.
- ¹³ Cf. Arthur de SALLES. *Sangue-mau*. Edição crítica sob a direção de Nilton Vasco da Gama. Salvador: UFBA, 1981. p.66
- ¹⁴ Cf. op. cit. à nota 12, p.11.
- ¹⁵ Cf. Cláudio VEIGA. *Sete tons de uma poesia maior: uma leitura de Arthur de Salles*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p.8.

- ¹⁶ Arthur de Salles, como fundador da Academia de Letras da Bahia, ocupou a cadeira de nº 3, cujo patrono é Manoel Botelho de Oliveira.
- ¹⁷ Cf. op. cit. à nota 16, p.9 e Cf. Arthur de SALLES. *Poesias: 1901-1915*. Bahia: [s.n.], 1920.
- ¹⁸ Cf. Arthur de SALLES. *Sangue mão*; poema. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1928. viii + 108 p.
- ¹⁹ Cf. Arthur de SALLES. *Poemas regionais: Sangue mau, O ramo da fogueira*. Salvador: Era Nova, 1948. 129 p.
- ²⁰ Cf. Lafaíete SPÍNOLA. *Harpas e farpas*. Bahia: Progresso, 1943. p. 9.
- ²¹ Cf. id., *ibid.*, p.11.
- ²² Cf. op. cit. à nota 15, p.13-14.
- ²³ Cf. Eugênio GOMES. *Prata de casa: ensaios de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: A Noite. p.66.
- ²⁴ Cf. op. cit. à nota 20, p.12.
- ²⁵ Cf. Raul SÁ. Reminiscências de Artur de Sales. In: *Anais do Arquivo do Estado da Bahia*. Salvador, Secretaria da Educação e Cultura, n.43, p.124, 1977.
- ²⁶ Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA, sob a coordenação de Nilton Vasco da Gama. Integram o grupo, atualmente, as professoras Albertina Ribeiro da Gama, Célia Marques Telles, Hilda Maria de M. Ferreira, Teresa Leal G. Pereira, Rosaura Maria Galvão Fagundes Poggio e Rosa Borges Santos Carvalho.
- ²⁷ Cf. Secretaria da Educação e CULTURA. *Obra poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da fé, 1973. 464 p. il. Apresentação de Remy de Souza. Breves notas introdutórias de Hélio Simões. Errata de Raul da Costa Sá.
- ²⁸ Em 1943 foi feito o acordo ortográfico entre Brasil e Portugal, que passou a vigorar em 1945, respeitado apenas pelo Brasil.
- ²⁹ Cf. critérios adotados por Luiz Fagundes Duarte em: Fernando PESSOA. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994. p.37.
- ³⁰ Cf. Albertina Ribeiro da GAMA, Célia Marques TELLES. In: ENCONTRO DE ECDÔTICA E CRÍTICA GENÉTICA, 3, 15-18 out. 1991. *Anais...* João Pessoa: UFPB/APML/FECP/FCJA, 1993. p.353-354.
- ³¹ As normas estabelecidas para a edição crítica da obra dispersa de Arthur de Salles seguem as normas utilizadas na edição crítica de *Sangue Mau* (Cf. op. cit. à nota 16). De modo geral, foram seguidos os critérios da Comissão Machado de Assis, adaptando-os às particularidades dos textos de Arthur de Salles. Na medida do possível, são também seguidos os critérios adotados pela Equipa Pessoa. Cf. Ivo CASTRO. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. p.45-60. ; Fernando PESSOA. *Poemas de Ricardo Reis*. Ed. crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994. p.36-38.
- ³² Cf. Op. cit. à n.3, p.128.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

- ALVES, Ívia. *Arco & Flexa*: contribuição para o estudo do modernismo. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. p.52.
- CAMPOS, Astério de. *Varios escriptos*: 1911-1916. Salvador: Imprensa Oficial do Estado. p.89-104: Um escriptor bahiano.
- CARVALHO FILHO, Aloysio de. *Coletânea de poetas bahianos*. Rio de Janeiro: Minerva, 1951. p.99-101.
- _____. Notícia sobre Arthur de Sales. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 37, p.77-79, mar. 1991.
- GÓES, Fernando. *Panorama da poesia brasileira*: o simbolismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. v.4, p. 275-276: Arthur Gonçalves de Salles.
- GOMES, Eugênio. *Prata de casa*. Rio de Janeiro: A Noite, 1953. p.65-69.
- LARA, Cecília de. *Nova Cruzada*: contribuição para o estudo do pré-modernismo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971. 156 p. (IEB, 17)
- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951. v.2, p.303-305: Artur de Sales(1879)
- PASSOS, Alexandre. *Letras bahianas*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941. p.15-27.
- ROCHA, José Olympio da. Academia esquece o poeta Artur de Sales nos seus 40 anos de morte. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 20 jul. 1992.
- SÁ, Raul. Reminiscências de Artur de Sales. *Anais do Arquivo do Estado da Bahia*, Salvador, n. 43, p. 119-126, 1977.
- SALLES, Arthur de. *Sangue-mau*. Edição crítica sob a direção de Nilton Vasco da Gama. Salvador, UFBA, 1981. xiii + 332 p. il.
- SANTANA, Valdomiro (org.). *Literatura baiana*: 1920-1980. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986. p.11-25.
- SILVA, Eduardo Cavalcante (org.). *Poetas da Bahia*: coletânea de poesias. Salvador: Era Nova, 1966. p.70-74.
- SILVA, Humberto Lyrio da. *Ode a Artur de Sales*. Bahia: Centro Teodoro Sampaio/Imprensa Oficial, 1952.
- SIMÕES, Isa Maria Drummond. *Três figuras literárias da Bahia*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1971. 28 p.
- SOUZA, Antonio Loureiro de. Artur de Sales: segundo de uma série de seis artigos. *Jornal do Comércio*, Salvador, 22 set.1952, p.8, Letras e Artes.
- VEIGA, Cláudio. *Sete tons de uma poesia maior*: uma leitura de Arthur de Salles. Rio de Janeiro: Record, 1984. 138 p.
- VIANNA, Antônio. A Nova Cruzada. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, ano 13, v.8, n.16, p.45-50, 1942.

SOBRE CRÍTICA TEXTUAL

- AVALLE, Silvio d'Arco. Varianti, varianti d'autore, rimaneggiamenti. In: STUSSI, Alfredo (org.). *La Critica del testo*. Bologna: Il Molino, 1985. p.101-118.
- CAFEZEIRO, Edwaldo. Gênese e processo da edição crítica. In: *Estudos universitários de língua e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p.149-154.
- DUARTE, Luiz Fagundes. Texto acabado e texto virtual num aparato genético. In: ENCONTRO DE EDIÇÃO CRÍTICA E CRÍTICA GENÉTICA: ECLOSÃO DO MANUSCRITO, 2, 1988. *Anais...* São Paulo, USP/FFLCH, 1988. p.363-375.
- _____. Prática de Edição: "Onde Está o Autor?". In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES: GÊNESE E MEMÓRIA, 4, 1994. *Anais...* São Paulo: ANNABLUME/APML, 1995. p.335-358.
- _____. *A Maldição do manuscrito autógrafo*. Comunicação apresentada à SEMANA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA, 2, 1995. Salvador, UFBA, 4-6 set. 1995.
- LAUFER, Roger. *Introdução à textologia: verificação, estabelecimento, edição de textos*. Trad. por Leda Tenório da Motta. São Paulo: Perspectiva, 1980. xiv + 142 p.
- MAAS, Paul. *Crítica del testo*. Trad. por Nello Martinelli. 2 ed. Firenze: Felice Le Monnier, 1966. 62 p.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *O Método filológico: comportamentos e atitudes filológicas na interpretação de textos literários*. Comunicação apresentada ao CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOGIA PORTUGUESA, 1973. Rio de Janeiro, UFF/CRB, 1973. 26 f.
- TAVANI, Giuseppe. *O Problema da fixação do texto na Obra de Fernando Pessoa*. In: UM SÉCULO DE PESSOA; ENCONTRO INTERNACIONAL DO CENTENÁRIO DE FERNANDO PESSOA. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1988. p.70-71.
- _____. Metodologia y practica de la edición critica de textos literarios contemporâneos. In: *Litterature latino-américaine et des Carïbes du XX^e siècle: Theorie et pratique de l'edition critique*. Roma: Bulzoni, 1988. p.65-84.
- _____. A Recuperação do texto. In: *Estudos universitários de língua e literatura: homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p.565-572.